

TEATRO

22, 23, 24 MAIO 2015

4

PANOS

PALCOS NOVOS PALAVRAS NOVAS

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Apresentação

PANOS, ano dez. Inspirado no programa Connections do National Theatre de Londres, já são 31 as peças deste projeto escritas de propósito para serem representadas por adolescentes; e com este festival, passam a 64 os espetáculos apresentados sempre em maio na Culturgest.

Os textos deste ano são: *Diálogos* de Miguel Castro Caldas, *Ponto da Situação* de Tim Etchells e *Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me* de Pablo Fidalgo Lareo.

Em novembro, num *workshop* na Culturgest, Lígia Soares orientou as sessões à volta da peça de Miguel Castro Caldas, enquanto Tim Etchells (com a ajuda de Cathy Naden) e Pablo Fidalgo Lareo apresentaram e discutiram o que escreveram com os encenadores dos grupos que tinham escolhido os seus textos. O período de ensaios decorreu até abril e, para escolhermos os seis espetáculos que neste festival vos apresentamos, as estreias receberam a visita de pelo menos um elemento do nosso grupo de seleção, composto por Ana Bigotte Vieira, Armando Pinho, Catarina Requeijo, João Carrolo, Jorge Loureiro Figueira, Manuel Henriques, Ricardo Correia e Sandra Machado. Se foram 39 os grupos de todo o país que nesta edição se inscreveram nos PANOS, só 26 conseguiram heroicamente estreiar os seus espetáculos. É que as peças deste ano não são fáceis, não têm os confortos habituais de uma narrativa e uma lista de personagens; todas, à sua maneira, são exceções.

Miguel Castro Caldas é o primeiro repetente dos PANOS, tendo escrito *nós numa corda* para a edição de 2009; a peça de Tim Etchells é a primeira encomenda feita a meias com o Connections (normalmente limitamo-nos a traduzir um texto do projeto britânico) e integra ainda a bienal Artista na Cidade 2014; também o texto de Pablo Fidalgo Lareo é uma parceria, com a estrutura de Ana Borralho e João Galante, que ofereceram ao autor tempo e trabalho com um grupo de adolescentes de Lagos e com eles encenaram a peça.

Se nenhum dos textos deste ano parece muito preocupado em contar uma história, todos eles ignoram a famosa quarta parede, referindo-se ao momento concreto da apresentação do espetáculo e promovendo com o público na sala uma relação que pode ser de confiança ou desconiança, solidariedade ou desafio. *Só há uma vida...* parece ter a forma de uma assembleia, com múltiplas solicitações ao voto do público, numa espécie de refrão que, por ser no início dos versos, se chama anáfora (“Levante a mão quem...”). Mas não é certo que o público participe, ou nem sempre, e o texto pode ser lido também como um poema longo, feito de vozes distintas mas sem personagens, onde se desenha e apaga (a construção e destruição do título) um retrato do que é ter 15 anos “no sul do sul” de uma Europa moribunda. Íntima e política, a peça vive então desta tensão entre assembleia e poema, tribunal e carta de amor, onde os versos podem tanto ser *slogans* gritados numa manifestação como tiradas líricas fechadas à chave num diário.

O registo anafórico da peça de Pablo Fidalgo Lareo transforma o texto num catálogo, e esse é um dos aspetos que o aproximam de *Ponto da Situação*. É sobejamente conhecida a atração de Tim Etchells por listas, maneiras por definição incompletas de abarcar o mundo inteiro: basta pensar em peças dos Forced Entertainment como *Speak Bitterness* ou *Tomorrow's Parties*, ou ainda no espetáculo *That Night Follows Day*, que Etchells escreveu para um grupo de crianças de Gent (e que a Culturgest apresentou em 2008). Nessa peça, as crianças dirigiam-se aos espectadores adultos (“vocês”), enumerando tudo o que eles lhes ensinavam, diziam e mandavam fazer; *Ponto da Situação* pode ser visto como uma sequela, em que um grupo de adolescentes (“nós”) delimita aquilo que sabe e desconhece, apropriando-se do mundo com segurança ou às apalpadelas. Aparentemente aleatória, a peça é feita na verdade de uma dramaturgia subtil, com núcleos temáticos, surpresas, pequenos conflitos e becos sem saída; não tendo uma única indicação cénica, condiciona múltiplos aspetos da sua *performance*, desde o desenho de luz ao ritmo das falas.

Diálogos propõe uma equivalência escandalosa: e se um ator obrigado a dizer um texto que outro escreveu for como um refém de um grupo terrorista, dizendo um discurso decorado frente à câmara? Ou como um dos prisioneiros agrilhoados na caverna de Platão? Se uma peça de teatro convencional é feita de personagens que falam umas com as outras, aqui não há “condições para o diálogo”. Atores e atrizes estão

entre dois abismos: um que os separa do público e outro que os afasta do momento da escrita – como se estivessem a ler um telepono que está “atrás de vocês. não, mais atrás”, no passado. Com o “eu” ocupado pela voz do autor, como se pode então falar com alguém que desconfia da verdade do que vê? Não andamos longe da fórmula de Rimbaud, simultaneamente problema e solução: “eu é outro”

Só há uma vida... pede-nos repetidamente para pôr a mão no ar, *Diálogos* obriga as suas pessoas a *loops* recursivos e é também num *loop* de texto repetido que Tim Etchells a dada altura fecha os seus intérpretes, chamando a atenção para o momento presente e provocando a ansiedade do público (“até alguém se dar conta do que se está a passar”). Há dez anos que há PANOS, com cada nova edição a ser preparada quando a anterior ainda não terminou. É altura de fazer uma pausa para balanço: para o ano interrompemos o ciclo, e voltaremos com redobrada energia ao diálogo, afinal não tão impossível quanto isso, entre a nova dramaturgia e o teatro feito por grupos escolares e juvenis.

Francisco Frazão



Miguel Castro Caldas

Diálogos de Miguel Castro Caldas

peessoa 4 vocês estão a ver este corpo que vos fala e vos olha vejam lá / mas eu não / eu não tenho nada a ver com ele
peessoa 3 eu não vos vejo porque não é possível ver o futuro
peessoa 2 eu posso dizer a data exacta em que estou a dizer isto / 18 de outubro de 2014 / mas entretanto levanto-me e vou beber um café / e deixo uma frase a meio / e faço outras coisas. e apago frases

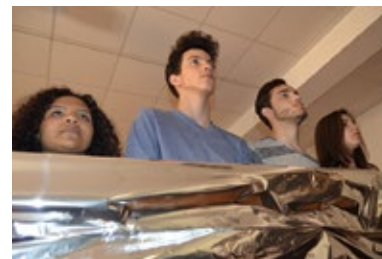
O diálogo é um monólogo disfarçado ou é o contrário que é verdade? *Diálogos* olha o diálogo de frente, fala com ele, pergunta-lhe para que serve. E assim estuda a questão do Outro, da dificuldade do Outro: aquele que vem lá ao fundo e se aproxima, estrangeiro, terrorista, mas que num instante deixa de ser um ele e passa a ser um tu, e de repente fala a nossa língua, é nosso irmão ou primo, e estamos de novo enrodilhados de família. E eu, sou o que fala ou o que escreve?

Miguel Castro Caldas (Lisboa, 1972) é membro da estrutura Primeiros Sintomas, para a qual escreveu as peças *O Homem do Pé Direito, Nunca-Terra, em vez de Peter Pan* (Culturgest, 2005), *Repartição* (Culturgest, 2008) e *Os Assassinos*, entre outras, sempre encenadas por Bruno Bravo. Tem textos encenados por Teresa Sobral, Sofia Cabrita, Jorge Silva Melo, Gonçalo Waddington, Gonçalo Amorim, Mónica Garnel, Cristina Carvalhal, André e Teodósio, etc. Para os PANOS escreveu *nós numa corda* (2009) e traduziu *Justamente* de Ali Smith (2007). Também é autor das obras em prosa *Queres Crescer e Depois Não Cabes na Banheira* (2002) e *As Sete Ilhas de Lisboa* (2004). Traduziu Beckett, Pinter, William Maxwell, Joyce Carol Oates, Salman Rushdie, entre outros. É investigador associado no AND LAB. Dá aulas na Escola Superior de Arte e Design.



Grupo PÊ da Animateatro (Seixal)
Com Adriana Cardoso, Catarina Robim, Catarina Moisés, Matilde Eusébio, Pedro Casacão, Raquel Teixeira, Rui Casacão, Rodrigo Mendes, Sofia Aleixo

e Tatiana Faria **Conceção e direção** Patrícia Susana Cairrão, Sérgio Prieto **Cenografia, guarda-roupa e adereços** Criação coletiva **Sonoplastia e desenho de luz** Patrícia Susana Cairrão, Sérgio Prieto **Operação de som, imagem e luz** Sérgio Prieto, Eduardo Casacão **Fotografia** Patrícia Susana Cairrão, Sérgio Prieto



Sexta Insónia do Agrupamento Vertical de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão (Portimão)
Com Alina Levinchi, Joana Magalhães, Jéssica Bampi, Ana Mihaela, Marta Lamy, Adriana Pinto, Cátia Gomes, Márcia Silvério, Catarina Pacheco, Miguel Jerónimo, Leandro António Rafael, Tiago Estremores, Nuno Santos e Guilherme Junqueira **Encenação** Sandro William Junqueira **Cenografia** Luís Pacheco **Corporalidade** Sofia Brito **Vídeo** José Oliveira **Desenho de luz** António “Bueno” (TEMPO – Teatro Municipal de Portimão)



Pablo Fidalgo Lareo

Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me de Pablo Fidalgo Lareo

Tradução de Francisco Frazão

Um dia quis que os meus pais sáissem à rua para olhar o céu
Para lhes contar quem eu era sem ter de os olhar / Quis uma noite que os meus pais se detivessem no mundo comigo / Para lhes lembrar as consequências do seu amor / Levante a mão quem acha que pude dizer-lhes quem era / Quem achar que conseguiu que olhassem o céu / Levantem a mão os meus pais / Levantem a mãos os que acham que tiveram sorte na vida / Levantem a mão os que acreditam no trabalho

Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me é uma espécie de assembleia íntima, uma paisagem que qualquer um pode reconhecer. Palavras que convidam a estar calmo, a sussurrar, a falar olhando nos olhos, a dançar suavemente. Palavras que questionam a educação, o presente.

Palavras que podem purificar os corpos e devolver-lhes a sua pureza e o seu pecado original. Um manual de instruções para ser credível e para mudar o sistema a partir de dentro.

Pablo Fidalgo Lareo (Vigo, 1984) é escritor, criador teatral e comissário independente. Publicou os livros de poemas *La educación física* (2010), *La retirada* (Prémio Injuve 2012) e *Mis padres: Romeo y Julieta* (2013). *Os meus pais: Romeo e Julieta* será publicado em português pela Averno. Uma antologia da sua obra foi publicada na Argentina com o título *Contra mí vivíamos mejor* (2014). Apresentou o seu trabalho em Espanha, Portugal, Itália, Polónia, Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Criou recentemente a peça teatral *O estado salvaxe* (2013). Dirige o projeto MARCO Escena.



Grupo de Teatro Juvenil do Virgínia (Torres Novas)

Cocriação e interpretação Ana Filipa Lopes, António Lopes, Beatriz Faria, Beatriz Girão, Carolina Cabaço, Cláudia Tomás, Cristiana Gaspar, Daniel Teixeira, Gil Silva, Inês Quintero, João

Ribeiro, Lídia Sousa, Luís Martins, Margarida Coelho, Patrícia Tavares, Pedro Reis, Simão Rodrigues, Sofia Narciso, Tomás Arreigota e Virgínia Gonçalves **Dramaturgia e encenação** Hugo Gama **Assistência de encenação** Pedro Reis **Assistência de dramaturgia** Simão Rodrigues **Assistência de produção** Carolina Cabaço, Inês Quintero **Cenografia e adereços** Beatriz Faria, Cláudia Tomás, Daniel Teixeira, Gil Silva, Virgínia Gonçalves **Figurinos** António Lopes, Beatriz Girão, Lídia Sousa, Patrícia Tavares **Direção técnica** Teatro Virgínia **Assistência de luz** João Ribeiro, Luís Martins, Tomás Arreigota **Assistência de som** Ana Filipa Lopes, Cristiana Gaspar, Margarida Coelho, Sofia Narciso

Grupo de Teatro do Colégio

José Álvaro Vidal – Fundação CEBI (Alverca)

Com Inês Coelho, Inês Santos, Inês Sousa, Joana Bogarim, Márcia Silva, Samuel Belchior e participação especial de Ana Paulino e Nuno Opa **Encenação e criação plástica** Gonçalo Quirino **Design** Nuno Gonçalves Rodrigues **Fotografias** Nuno Lopes



Tim Etchells



Ponto da Situação de Tim Etchells

Tradução de Francisco Frazão

H Não sabemos quem de nós vai estar vivo daqui a dez anos.

F Ou daqui a dez minutos.

H Ou daqui a 20 anos.

F Ou daqui a 50 anos.

J Sabemos que o Michel tem uma mota.

B Sabemos quem de nós tem sentido de humor.

C Sabemos que o Jorge tem um telemóvel Nokia dos antigos.

Ponto da Situação é uma coencomenda do projeto Connections do National Theatre de Londres, em que os PANOS se inspiram, e resulta ainda da bienal Artista na Cidade 2014. Um coro de jovens performers enfrenta o público e percorre um conjunto de afirmações sobre aquilo que sabem, o que lhes deixa dúvidas, o que não sabem e o que acham que nunca saberão de todo. Entre os confins da infância e as trajetórias,

decisões e experiências da vida adulta, o panorama dá continuidade à obsessão de Etchells com listas e permite aos adolescentes questionar, celebrar e fazer traça do seu lugar no mundo.

Tim Etchells (1962), artista e escritor residente em Sheffield, desenvolve a sua obra entre as artes performativas, o vídeo, a fotografia, projetos de texto, instalação e ficção numa ampla variedade de contextos, particularmente como diretor artístico dos Forced Entertainment. Colaborou com diversos artistas plásticos, coreógrafos e fotógrafos. Nos últimos anos, levou a cabo inúmeras exposições no contexto das artes plásticas. Forced Entertainment é um coletivo de criadores fundado em 1984 e sediado em Sheffield. Dos seus espetáculos podem destacar-se *The Coming Storm* (2012), *Tomorrow's Parties* (2011), *Exquisite Pain* (2005), *Bloody Mess* (2004), *First Night* (2001), *And On The Thousandth Night...* (2000), *Quizoola!* (1996) ou *Speak Bitterness* (1994), vários deles apresentados em Portugal. Fora dos Forced Entertainment, passaram por Lisboa os projetos de Tim Etchells *That Night Follows Day* (Culturgest, 2008), *In Pieces* com Fumyio Ikeda (Mária Matos, 2010) e a parceria com Ant Hampton para bibliotecas públicas *The Quiet Volume* (Culturgest/Alkantara, 2012). Etchells é autor de importantes escritos teóricos. Publicou também textos de ficção, ensinou, deu palestras e organizou *workshops* por todo o mundo. É Professor de Performance da Universidade de Lancaster. Em 2014, foi

artista convidado para a segunda edição da bienal Artista na Cidade, em Lisboa.



Grupo Cénico do Colégio José Álvaro Vidal – Fundação CEBI (Alverca)

Com Alexandra Serralheiro, Bruno Correia, Inês Luís, Inês Pires, Ricardo Mata, Ruben Durães, Tatiana Durães, Tomás Silva **Direção** Catarina Loureiro **Assistência** Ruben Durães **Desenho de luz e design** Hugo da Nóbrega **Agradecimentos** Ana Moreno, Ana Paulino, António Castanho, Gonçalo Quirino, Goreti David, Helder Macedo, Helder Silva, Inês Quelhas, João Carreira, João Leote, Luís Valadas, Mariana Aguiar, Mário Martins, Marta Loureiro, Miguel Oliveira, Nair Leng, Nuno Lopes, Paulo Eira, Pedro Mateus, Sandra Braga, Sara Cabral, Equipa de Manutenção

Grupo de Teatro Na Xina Lua da ES/3 de Tondela

Com Alexandra Costa, Andréa Fernandes, Beatriz Brás, Daniel Nunes, Daniela Sousa, Gustavo Marques, Luísa Monteiro, Madalena Almiro, Mariana Adão, Marina Coimbra, Marta Cardoso, Salomé Costa, Salomé Hernandez e

Tomás Cabrito **Encenação** Sandra Santos **Assistência de encenação** João Almiro **Desenho de luz** Paulo Neto **Cartaz** Daniel Nunes e Salomé Costa **Fotografias** Carlos Teles **Apoio à produção** Trigo Limpo Teatro ACERT **Agradecimentos** ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela, Blackmedia, Câmara Municipal de Tondela, Ex-Na Xina Lua, Foto RAF, Pais dos atores, Rui Ribeiro, Samuel de Almeida, Zito Marques e a todos os que de alguma forma colaboraram na criação deste espetáculo

Espectáculo criado em Residência Artística no Novo Ciclo ACERT



Próximo espetáculo

LSB

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



Jazz Qui 28 de maio

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

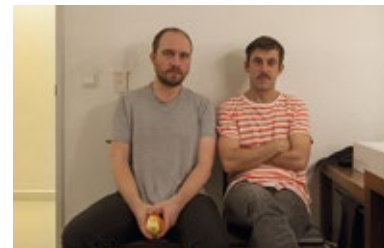
“É jazz e não é jazz, é jazz não o sendo, não é jazz sendo-o. O interesse de algo como estes LSB, para além do atrativo de ouvir, vendo, três virtuosos, reside nessa enorme particularidade. Como referiu o físico dinamarquês Niels Bohr: «Que bom foi termos encontrado um paradoxo. Agora temos a esperança de progredir.»”
Rui Eduardo Paes (crítico de música, ensaísta, editor da revista online *jazz.pt*)

Próximo espetáculo de teatro

Your Best Guess

de mala voadora + Chris Thorpe
Integrado no Festival de Almada

© José Carlos Duarte



Teatro De ter 7 a sáb 11 de julho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12

Cachecóis comemorativos da vitória da equipa de futebol que perdeu uma final, os convites de casamento que iam ser enviados quando os noivos se separaram, o discurso de vitória do candidato que ficou em segundo lugar nas eleições. Tudo coisas feitas para um futuro que não se efetivou, persistentes na sua inutilidade. Pode inventar-se uma memória para a *memorabilia*. Reescrever a História: a melhor suposição.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo